



A Busca do Ethos Criativo com Alunos de Graduação em Arquitetura e Urbanismo do IFF a partir da Disciplina Plástica I

Me. Adriano de Almeida Ferraiuoli

Resumo

O presente trabalho científico desenvolve-se em âmbito acadêmico, relacionado ao curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo no Instituto Federal Fluminense – campus: Campos-Centro – Campos dos Goytacazes/RJ, neste contexto vem buscando a partir da disciplina Plástica I, estimular e potencializar a criatividade dos discentes a partir de suas atividades de ensino. Objetivando descobrir de que formas as vivências práticas associadas à utilização da linguagem plástica poderão desenvolver potencialidades estéticas, colaborando para a formação integral de sujeitos históricos. Com uma metodologia baseada na abordagem qualitativa, de pesquisa-ação e observação participante. Tendo como categoria: a criatividade e o processo criativo e a interação social. Como primeiros resultados da pesquisa identificamos: interesse e curiosidade, uso da criatividade, interação social, improvisação, imaginação, sensibilidade, identificação, ludicidade e descontração. Como prelúdio de futuras descobertas, encontramos nas experiências expressivas desenvolvidas em sala de aula um espaço transformador, despertando um entrelace das relações cognitivas na busca de soluções estéticas. A disciplina Plástica I vem se revelando como uma linguagem estética, que utiliza da expressão artística e criativa. Apresentando-se como um recurso didático transformador para a o Ensino de Arquitetura e Urbanismo, capaz de favorecer significativamente no desenvolvimento da criatividade, percepção, estética e interação sociocultural dos discentes.

Palavras-Chave: Criatividade, Processo Criativo e Interação Social

1 Introdução

A disciplina Plástica I, componente curricular obrigatório, pertencente ao primeiro período do curso superior de Arquitetura e Urbanismo do IFF – Instituto Federal Fluminense campus: Campos-Centro, aborda o uso da linguagem artística e plástica associada a dinâmicas pedagógicas expressivas que buscam incentivar o processo criativo dos estudantes, articulado principalmente a partir do despertar da sensibilidade e da imaginação na busca da construção de uma ação didática criativa e inovadora.

São planejadas e desenvolvidas atividades expressivas, sob a forma de aulas teóricas e práticas da disciplina Plástica I, que objetivam o desenvolvimento do *ethos* criativo de educandos, sujeitos da pesquisa, considerando a criatividade como um fenômeno natural inerente ao ser humano no qual sua aplicação seja transposta naturalmente para a dimensão do fazer. Compreendendo o discente em suas possibilidades e potencialidades estéticas, buscando demonstrar que sua constituição como sujeito não está destituída de significados culturais e sociais.

A disciplina Plástica I apresenta-se como a realização de uma forma estética, entendida como sensível que poderá completar o processo criativo e apropriação cultural, assim como a interação social.

Nesse estudo, utiliza-se o termo estética como área de significação em artes, empregando-o como adjetivo, qualificando comportamentos e atributos relacionados à atividade artística, entendendo a estética juntamente com Baumgarten (*apud*, CAUQUELIN, 2005), como a essência do pensamento sensível – “ciência do sensível”, assim como Ostrower (2009), afirma que a terminologia se refere diretamente à sensibilidade, ao mundo do sensível, à percepção, ao universo das sensações. Afinal, o ser humano não é apenas razão discursiva e propositiva, mas também, sensibilidade.

O estético neste contexto é a área na qual a experiência humana atinge um significativo grau de realização, dada a natureza sensível da percepção humana.

Buscamos na problemática, discutir sobre: de que formas a disciplina Plástica I associada à linguagem artística, pode desenvolver potencialidades estéticas de educandos pertencentes ao primeiro período do ensino superior em Arquitetura e Urbanismo do IFF, tendo como parâmetros as categorias criatividade e interação sociocultural?

Tendo como Objetivos:

- Compreender como vivências em Plástica I poderão contribuir para o desenvolvimento da criatividade e da interação social.
- Investigar como ocorre o processo de criação frente aos desafios propostos na Disciplina Plástica I.
- Acompanhar e avaliar de que forma a intervenção criativa e a bricolagem durante as aulas pode ser útil como recurso didático.
- Verificar se a Disciplina Plástica I é capaz de potencializar os alunos do primeiro período de Arquitetura e Urbanismo no que diz respeito à criatividade e interação sociocultural.

2 Interação Social

Os encontros semanais, além da parte teórica e aplicação de técnicas artísticas, buscam estabelecer uma relação recíproca entre os graduandos, através de uma conexão mediadora entre os estudantes e o professor-pesquisador. Assim, o investigador ao longo das aulas e no desenvolvimento da pesquisa, direciona as atividades propostas na construção de significados e apropriação cultural.

Interessante ressaltar que buscando intensificar esta mediação, a turma geralmente de 40 alunos é dividida em dois grupos de aproximadamente 20 alunos, nos quais participa das aulas separadamente, medida institucional que vem contribuindo para uma maior integração e participação.

Para Silva (2010, p.211), o professor que busca desenvolver essas apropriações culturais em sua prática pedagógica, deve formular perguntas básicas do tipo: “quais práticas operar para favorecer a construção interativa dos saberes nas instituições educativas? Quais situações propor aos estudantes?”

Segundo o autor, começando sua ação por estas questões, o professor deve ter claro que está objetivando as interações entre os alunos e que estes “não são copos vazios que os docentes deveriam encher”. Assim como para Freire (2010) que sentencia que “(...) ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua construção” (p.22).

O autor ao abordar a importância da valorização do universo sociocultural dos estudantes sustenta:

É preciso levar em conta o universo de experiências, de conhecimentos, de expectativas que os estudantes trazem consigo para, a partir daí, definir as práticas educativas, as situações a serem propostas para suscitar sua expressão e confrontação e cuidar das “redes de formação recíproca” e das trocas a respeito de objetos de conhecimento (p. 211).

Objetivando estes intercâmbios, um dos recursos utilizados na abordagem vem sendo o uso da intervenção criativa, no sentido de ampliar a compreensão da intencionalidade das ações pedagógicas durante as aulas da Disciplina Plástica I (SANTOS, 2010, p.3).

Dentre essas ações, destacamos a intervenção nas relações interpessoais e na aplicação dos conteúdos, utilizando-se recursos em bricolagem. Tal intervenção busca desenvolver o interesse do grupo e a criação coletiva, evidenciando aspectos do processo de apropriação dos elementos fundamentais da linguagem da arte, presentes no processo criativo em Plástica I, levando-se ainda em consideração a formação em Artes Plásticas do professor da referida Disciplina e que o mesmo transfere seus conhecimentos e suas experiências expressivas como artista ao longo da ação didática.

No entanto, Silveira (2010) salienta que a participação do professor durante o processo artístico como instrumento pedagógico, em muitos casos, pode interferir na espontaneidade do grupo, que busca na “forma” de representação do professor, um “modelo” a ser copiado. Partindo desta suposição, buscamos uma intervenção criativa que contemple a possibilidade de liberdade no uso do exercício imaginativo associado ao fazer criativo.

De acordo com as questões apresentadas, a interação sociocultural pretendida, através das vivências em Plástica I, busca a reflexão, a discussão de ideias, a troca de experiências e opiniões. As verbalizações ocorridas durante as aulas, segundo Silveira (2010, p.16), “não só acompanham a realização da tarefa, mas a orientam, num sentido de planejamento e apoio, promovendo aprendizagens durante o processo.”

Tal questão encontra eco em Pereira (2008, p.151), quando avalia o processo de construção artística ao dizer que “As relações se constituem no ambiente social, o processo de

crescimento se dá no contato com o outro, na percepção das diferenças, na aceitação da multiplicidade de pensamentos, na avaliação de seu próprio fazer.”

Assim como também sustenta Vygotsky (2010), ao afirmar que o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica, sendo um processo no qual os aprendizes penetram na vida intelectual daqueles que os cercam.

O autor aponta a importância do meio social, representado na Escola pelo professor e demais colegas, além da presença participativa do próprio professor-pesquisador, como dinamizador e mediador do conhecimento. Que propõe como elemento indispensável no crescimento do indivíduo, o fato da criação e uso da *Zona de Desenvolvimento Proximal*.

A *Zona de Desenvolvimento Proximal* é definida, segundo Vygotsky (2010), como sendo:

(...) a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (p.103).

Entendemos que o autor ressalta a importância da participação do professor ou pesquisador na intermediação por resultados, colaborando para o desenvolvimento potencial dos assistidos, assim como para as relações de intercâmbio intelectual entre os que tomam parte neste processo cognitivo. Sendo assim, as relações se constituem no ambiente social, o processo de crescimento se dá no contato com o outro, na percepção das diferenças, na aceitação da multiplicidade de pensamentos, na avaliação de seu próprio fazer.

Nessa mesma linha de pensamento, Silva (2010, p.204) aponta para a possibilidade de uma redefinição da sala de aula como ambientação comunicacional, favorecendo a confrontação coletiva de subjetividades e socialização através da interatividade, como adverte: “Criam-se hábitos de convívio na diversidade e a aprendizagem torna-se aí uma experiência relacional participativa que tem sentido para o aluno, uma vez que contempla sua subjetividade, seu faça você mesmo.”

O autor reflete sobre as responsabilidades do professor que busca uma educação nas bases da socialização capaz de propiciar a “materialidade da ação”, através da disponibilização e da promoção de agenciamentos de comunicação que favoreçam o diálogo, a cooperação e a socialização entre os estudantes em si e entre o professor e os estudantes e vice-versa.

Assim como também, as vantagens de um trabalho sustentado por ações de socialização encontram-se na possibilidade de buscar e avaliar informações, favorecendo a criação de conhecimentos capazes de ampliar a comunicação e disponibilizar modos de participação-intervenção, ao propor projetos de trabalho que acompanhem os grupos e mobilizem a sinergia entre competências diversas.

Nessa direção, Silva (2010, p.210) nos faz refletir:

O professor não é somente ator na rede de interações, mas, sobretudo autor. Ele provoca e disponibiliza a rede de interações tomando por base os fundamentos da interatividade. É nesta materialidade comunicacional que ele expressa sua autoria. Aliás, manter essa materialidade, essa ambiência, já constitui sua autoria.

Assim, cabe ao pesquisador propiciar nas experiências estéticas, esta “materialidade da ação”, na busca da interatividade, objetivando a promoção da integração, do sentimento de pertença, de trocas, da crítica e da autocrítica, de discussões temáticas e de elaborações colaborativas, como exploração, experimentação e descoberta entre os discentes.

3 A Criatividade e o Processo Criativo

O obstáculo na definição do fenômeno da criatividade, pode se encontrar em sua subjetividade e complexidade, além da escassez de obras publicadas sobre o assunto, a definição da criatividade é um assunto de investigação em si (LUBART,2007).

De acordo com Rouquete (*apud* LUBART, 2007, p. 7), “a dificuldade do estudo científico da criatividade tem a ubiquidade do conceito, e o trabalho do pesquisador consiste, sobretudo, em precisar seus contornos”.

Vygotsky (2009) identifica a atividade criadora como sendo aquela em que o homem cria algo novo, independente de ser algo externo físico ou interno como um pensamento ou idéia e segundo Ostrower (2009):

Criar é basicamente formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse “novo”, de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos (p. 9).

Para Peixoto (2008, p. 40):

O fazer artístico através da criação representa uma forma de mobilização de ações que resultam em construções de coisas novas, a partir da natureza e da cultura, sendo, também, resultado de expressões imaginativas, provenientes de sínteses emocionais e cognitivas.

Por sua vez, Sternberg, Kaufman e Pretz (*apud* LUBART, 2007, p.16) definem: “uma produção nova é original e imprevista quando se distingue pelo assunto ou pelo fato de outras pessoas não a terem realizado.”

Vygotsky (2009, p.14) acrescenta, em seus estudos, que as atividades criadoras estão intimamente ligadas à imaginação:

Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica. Nesse sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia.

Dentro dessa relação entre imaginação/criatividade associamos a imaginação como um dos principais componentes pertencentes à esfera da criatividade ligada ao trabalho com Arte, definindo a criatividade como a mais notória característica do trabalho e do fazer artístico.

Nesse sentido, Vygotsky (2009) enfatiza a importância dessa relação:

A imaginação adquire uma função muito importante no comportamento e no desenvolvimento humano. Ela transforma em meio de aplicação da experiência de um indivíduo porque, tendo por base a narração ou descrição de outrem, ele pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal. A pessoa não se restringe ao círculo e a limites estreitos de sua própria experiência, mas pode aventurar-se para além deles, assimilando, com a ajuda da imaginação, a experiência histórica ou social alheia (p. 25).

Além da criatividade, sensibilidade e imaginação, as vivências expressivas e estéticas desenvolvidas durante a Disciplina Plástica I, a partir das interações socioculturais entre os discentes, entre o professor-dinamizador e os acadêmicos e vice-versa, poderão potencializar a criação dessas novas combinações através de possíveis trocas de experiências ao longo da aplicação da pesquisa.

4 Metodologia

O trabalho científico apresentado busca uma metodologia baseada em uma abordagem qualitativa, como forma de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo num contexto de pesquisa-ação e observação participante.

O corpus da pesquisa empírica se compõe: do registro escrito da experiência em cada dia da aplicação da Disciplina Plástica I, por parte do pesquisador; análise da produção artística e do processo criativo dos acadêmicos: desenhos, colagens, esculturas, modelagem e

maquetes; registro gravado; entrevistas com alunos; registros fotográficos e filmagens; observação atenta e continuada.

Tendo como categorias: a criatividade e o processo criativo e a interação social.

No decorrer da pesquisa que vimos desenvolvendo, tem sido possível perceber comportamentos e atitudes úteis na análise dos dados que a pesquisa se propõe. A partir da análise da produção e do processo criativo dos participantes, verificamos como as vivências realizadas durante a aplicação da Disciplina Plástica I podem contribuir para o desenvolvimento da criatividade, e da interação social, favorecido segundo Vygotsky (2009), por trabalhar questões associadas à imaginação, expressão e estética, contribuindo para o desenvolvimento do *ethos* criativo e para uma formação integral mais significativa.

5 Considerações Finais

Nos primeiros resultados da pesquisa, encontramos nas experiências estéticas e artísticas da Disciplina Plástica I um espaço transformador, despertando um entrelace das relações cognitivas na busca de soluções estéticas. A Disciplina Plástica I vem se revelando como uma linguagem estética, que utiliza da expressão artística e criativa. Apresentando-se como um recurso didático transformador para a o Ensino de Arquitetura e Urbanismo, capaz de favorecer significativamente no desenvolvimento da percepção, criação e interação sociocultural dos participantes.

Referências

CAUQUELIN, A. Teorias da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

LUBART, T. *Psicologia da Criatividade*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LÜDKE, M. & ANDRÊ, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 2010.

OSTROWER, F. *Criatividade e Processo de Criação*. Petrópolis: Vozes, 2009.

PEIXOTO, M. C. dos S. P. *Cenários de educação através da arte: bordando linguagens criativas na formação de professores (as)*. Niterói: Intertexto, 2008.

PEREIRA, L. H. P. *Corpo e psique: da dissociação à unificação - algumas implicações na prática pedagógica*. *Educação e Pesquisa*, Vol. 34, Núm. 1, janeiro-abril, 2008, pp. 151-166 Universidade de São Paulo, Brasil.

SANTOS, D. M. da S. dos. *O Ensino de Arte nas Escolas Públicas de Campos dos Goytacazes: do Texto Legal às Práticas Cotidianas*. Monografia de Licenciatura em Pedagogia. Universidade Estadual do Norte Fluminense, 2010.

SILVA, M. *Sala de Aula Interativa: educação, comunicação, mídia clássica, internet, tecnologias digitais, arte, mercado, sociedade e cidadania*. São Paulo: Loyola, 2010.

SILVEIRA, F. T. *Caminhos Percorridos por uma Pesquisa com Teatro na Escola... Aprendendo a Aprender e a Interagir com o Outro*. Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GE01-3945. Acesso em 20 de outubro de 2010.

VIGOTSKY, L.S. *A Formação Social da Mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *Imaginação e Criação na Infância: ensaio psicológico, apresentação e comentários*, Ana Luiza Smolka. São Paulo: Ática, 2009.